

al-madama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#24 (tomo 1) Jan. 2021

A ARTE MEGALÍTICA NA MAMOA DE EIREIRA

novas descobertas

**Um Afundamento
da Grande Guerra na
Barra de Lisboa: o Terje
Viken (1916)**

**O Menir dos Penedos
da Portela**

**Briolanja, Escrava
do Guadamecileiro
de D. João III**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Imagem parcial do esteio n.º 6 da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) em registo fotográfico nocturno de alguns dos motivos aí gravados.

Foto | © Fábio Soares.



II Série, n.º 24, tomo 1, Janeiro 2021

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje -

- Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neopéica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais, Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Há seis meses, abrimos esta página com a surpresa, a apreensão e a dor geradas em todo o Mundo pela COVID-19, com custos sociais, económicos e culturais elevadíssimos, principalmente nas sociedades e grupos mais desfavorecidos.

Desde então, a comunidade científica internacional correspondeu de forma extraordinária ao forte investimento público e privado e, num prazo recorde, desenvolveu várias vacinas, duas das quais, cumpridos os critérios de avaliação das agências de saúde europeias e norte-americanas, estão já em aplicação massiva à data em que escrevemos.

Podemos agora encarar 2021 com alguma esperança, certos de que, para além do sucesso das campanhas de vacinação, muito dependerá dos comportamentos individuais e de grupo. Vacinados ou não, teremos de manter o uso da máscara, a etiqueta respiratória, a lavagem frequente das mãos e o distanciamento social enquanto tal for necessário para evitar ou atenuar a transmissão viral. Em boa medida, seremos agentes directos na conformação do nosso futuro próximo, privilégio de que, infelizmente, nem todos gozam!

Noutras geografias, quase sempre esquecidos e deixados à sua sorte, muitos milhões de pessoas dependem de boas vontades externas para ter acesso às vacinas e sobrevivem a condições sociais e económicas brutais e incomparáveis às nossas.

Mas 2020 não deixou de ser duro para a sociedade portuguesa, profundamente marcada pela pandemia, causa directa de mais de 6500 mortes e do significativo aumento de outras morbidades e dos índices de pobreza, só para citar os indicadores mais evidentes à data. Ainda assim, a actividade arqueológica deu provas de resiliência, demonstrada, por exemplo, no III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, realizado entre 18 e 22 de Novembro último. Por videoconferência, cerca de centena e meia de comunicações e *posters* deram origem a mais de 2100 páginas de actas já disponíveis em suporte digital de acesso livre, tal como pode ler-se em notícia deste tomo da *Al-Madana Online*.

Aqui também são publicados vários outros trabalhos de arqueologia de campo com ampla dispersão nacional, de Viana do Castelo e Vila Verde, no Noroeste do território continental, passando por Alenquer e Lisboa para chegar ao arquipélago dos Açores, no município de Angra do Heroísmo. A Arqueologia brasileira volta a marcar presença, tal como estudos documentais, teóricos e metodológicos de natureza arqueológica e patrimonial. A diversidade é ainda acentuada pela secção de noticiário, que relata actividades realizadas em Peniche, Torres Vedras, Almada, Moita e Mértola, passando também nos Açores, desta feita em Vila Franca do Campo, na Ilha de São Miguel, para terminar em notas de actualidade. Recensões e destaques editoriais dão conta de monografias e periódicos recentes, enquanto se agendam os eventos científicos entretanto divulgados para concretização presencial ou virtual. Bons pretextos para ler com prazer e saúde. Que o próximo semestre nos permita recuperar parte da sociabilidade que tanta falta nos faz.

Jorge Raposo, 4 de Janeiro de 2021

Resumos | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Fernanda Lourenço e autores

Colaboram neste número | Maria João Amorim, Telmo António, Andreia Arezes, José M. Arnaud, Regis Barbosa, Mário Barroca, Luísa Batalha, Ana M. S. Bettencourt, Luciano Vilas Boas, Carlos Boavida, Luís Borges, Jacinta

Bugalhão, Guilherme Cardoso, Miguel C. Costa, Paulo Costa, Francisco Curate, Diogo T. Dias, José Domingos, José d'Encarnação, Sebastião L. Lima Filho, Gerardo V. Gonçalves, António Gonzalez, Fernando R. Henriques, José G. Leite, Virgílio Lopes, Isabel Luna, João Marques, Susana Gómez Martínez, Andrea Martins, Ana M. Moço, Alexandre Monteiro, José L. Neto, César Neves, Lucínia Oliveira, Maria F. Palma, Pedro Parreira,

Dina B. Pereira, Franklin Pereira, Tiago do Pereiro, Magda Peres, Leonor Pinto, Miguel Portela, Jorge Raposo, Morgana C. Ribeiro, Clara Rodrigues, Sérgio Rosa, Daivisson B. Santos, Fábio Soares, André Texugo, Thomas Tews e Cláudia Umbelino.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madana Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

O Livro de Maria Helena Ventura sobre Luísa Todi

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

1. Grandes homens e grandes mulheres

Quem há aí que, na sua juventude, se não tenha deixado inebriar pelas vidas dos grandes personagens? Eram exemplos que todos gostaríamos de seguir e nos quais, um dia, queríamos rever-nos!

Por isso, os editores nunca deixaram de satisfazer esse desejo. Recordava-se, por exemplo, *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano, o grande Mestre, entre nós, do romance histórico. Recordo, ainda, a colecção *Vidas Célebres*, de Livros do Brasil; ou, do Círculo de Leitores, *Napoleão*, de Emil Ludwig (1969); *Os Bórgias*, de J. Lucas-Dubreton; *A Vida de Isabel I de Inglaterra*, de Jacques Chastenet (1972)...

Este debruçar-se sobre **heróis** corresponde também a uma tendência da Humanidade e intensifica-se, nomeadamente, em épocas de crise, quando os valores se atropelam no quotidiano e há que contrabalançar esse movimento, contrapondo-lhe testemunhos de virtude e bem-fazer. Primeiro, porém, os grandes homens. Só a partir da década de 1970, o feminismo. Recordo que, na minha Faculdade, se criou então a disciplina de Estudos Feministas, decerto tomando consciência daquela máxima que nós, homens, temos de considerar verdadeira: *“Por detrás dum grande Homem está uma grande Mulher!”*

É curioso verificar também a tendência – atestada desde sempre! – de se atribuírem grandes factos a uma pessoa: foi D. Afonso Henriques quem conquistou Lisboa; foi Vasco da Gama quem descobriu o caminho marítimo para a Índia... Entre nós, na historiografia, será logo com Fernão Lopes, no século XIV, que podemos surpreender um matiz nessa concepção. O cronista salienta bem que o futuro D. João I nada teria sido sem o incondicional apoio da arraia-miúda. O Povo a ser erguido ao lugar cimeiro de motor duma estratégia renovadora. E – queiramos ou não! – a principal preocupação dum político ou dum candidato a um cargo qualquer não é a de conseguir estável base social de apoio? Que significam senão

isso as negociações prévias dos partidos – em Portugal, na Espanha, no Reino Unido...?

Cita-se, amiúde, a célebre frase do sermão de John Donne (1623): *“Nenhum homem é uma ilha!”* Não é! Por isso, não foi Afonso Henriques quem conquistou Lisboa nem Vasco da Gama quem descobriu o caminho marítimo para a Índia! Tal não impediu, no entanto, que o nosso primeiro rei já tivesse sido alvo de biografias e romances históricos, de autores como Maria Helena Ventura – *Afonso, O Conquistador* –, Freitas do Amaral, e até há quem tenha preconizado a sua canonização: veja-se o livro *A Saga da Santidade de D. Afonso Henriques* (Dezembro de 2017)!...

Mas, da nossa História, Inês de Castro e o seu drama nunca deixaram de inspirar, a começar por Camões: *“Estavas, linda Inês, posta em sossego”*... E António Cândido Franco escreveu (1990) *Memórias de Inês de Castro* (Publicações Europa-América) e o próprio João Aguiar, que nos obsequiara com *A Voz dos Deuses*, não hesitou: *Inês de Castro* (1997).

Nessa linha de enaltecimento da Mulher pode inserir-se a colecção de 20 volumes do Círculo de Leitores *Rainhas de Portugal*, a começar pela *Condessa-rainha – Teresa*, da autoria de Mário Barroca (2012) e de que pode ainda citar-se *Rainhas que o Povo Amou – D. Estefânia e Maria Pia de Sabóia*, de Maria Antónia Lopes (2013).

De amores se fala também a propósito de Aristides Sousa Mendes, de que a primeira grande evocação foi, em 1991, a de Júlia Nery, mediante o romance *O Cônsul*.

Esta referência a Júlia Nery leva-me a dizer que, como Maria Helena Ventura, Júlia Nery vive em Cascais e também se dedica ao romance histórico. Escreveu, por exemplo, *Crónica de Brites* (2008),



VENTURA, Maria Helena (2019) – *Minha Irmã Luísa Todi*. Porto Salvo: Edições Saída de Emergência. 384 pág.
ISBN: 978-989-773-178-5.

sobre a padeira de Aljubarrota, e *O Segredo Perdido* (2005), este sobre o terramoto de 1755, um tema que vamos encontrar também eloquentemente abordado neste livro sobre Luísa Todi. A cantora nasceu dois anos antes e, por conseguinte, nada mais natural do que, a determinado momento da narrativa, surgir, em traços emotivos, a evocação dessas horas. O terramoto que tanta tinta fez correr, inclusive na altura. Há, nomeadamente, a descrição feita por um monge do Convento de Nossa Senhora da Piedade, em Cascais; há sermões a incitar ao arrependimento – que fora este um magno castigo de Deus!...

2. Romance histórico e biografia

Romance histórico é, todavia, diferente de biografia.

A biografia compete mais aos historiadores – daí que eu tenha falado dos meus colegas e amigos Mário Barroca e Maria Antónia Lopes, historiadores dos quatro costados. O romance pega nos

factos, entrelaçá-os, dá-lhes vida. Amiúde, tenta-se emprestar-lhes uma aparência de realidade. Júlia Nery, para a sua história sobre o terramoto, afiança que a protagonista achou um documento no fundo falso de pequena arca comprada num antiquário da D. Pedro V, em Lisboa!

Maria Helena Ventura foi incitada a fazer biografia e veio, depois, a decidir-se – e bem! – pelo romance histórico, integrável na colecção História de Portugal em Romances, da editora Saída de Emergência. E para este seu *Luísa Todi* não teve documentos secretos, mas foi beber inspiração em mui árdua pesquisa feita nos livros que historicam a vida da cantatriz – como eu gosto deste vocábulo, sabiamente colhido no vocábulo *cantatrice* italiano e que poderia quase considerar-se como a junção de ‘cantora’ e ‘atriz!’ – que o foi Luísa Todi! Desse longo repositório de consultas dá exaustiva conta Maria Helena Ventura no capítulo “*Presentes mas Ausentes*”.

3. Uma linguagem de... enleio!

Tempo é de falar concretamente da obra.

Em relação a um romance, mesmo que histórico, não entendo ser função duma recensão explicitar o seu conteúdo, mas sim aliciar à leitura. Tarefa, aliás, fácil neste caso, porque, se o leitor abrir o livro e ler as primeiras três páginas, fica de tal modo enleado que quer saber mais. ¿Como é que vai dar em casamento o enleio (sim, enleio é esse também!) daquele rabequista, Francesco Xaverio Todi, que, durante o ensaio no Teatro do Bairro Alto, deixa de lado a rabeça e fica horas esquecidas a ouvir aquela donzela, seduzido pela sua voz e seu corpo jovem – ele que tem a mulher a morrer e que muito vive ele próprio da música também? “*Ficava fascinado com a metamorfose da donzela de corpo inacabado, como se aquela voz lhe revelasse a sua natureza íntima e ele assistisse, comovido, ao palpitar de umas asas sedentas de amplos voos*” (p. 12).

Somos depois encaminhados para esses primeiros tempos de amoroso embevecimento entre Saverio e Luísa, então com quinze anos apenas.

De recortar um trecho da saborosa ida de Luísa, num intervalo dos ensaios, a casa do costureiro a saber se os fatos estavam prontos, com Saverio no seu encaço. Os discursos directos são sempre colocados em itálico sem abertura de parágrafo, a fim de não quebrar o ritmo.

“*Venho fazer-te companhia, a noite não tarda a cair. Não vês as farripas de nuvens com cheiro de humidade?*”

“*E qual é a sua obrigação de me guardar, posso saber?*” (p. 17)

“Saborosa”, qualifiquei-a eu. Só por estas breves linhas de tal nos poderemos aperceber.

Enfim, enamoram-se. Casam. Têm filhos, vemo-la a caminho de Madrid e para Londres com quatro filhotes e... só mais adiante, já íamos embalados vida afora, é que a narradora, nada mais nada menos que uma das irmãs, volta atrás para nos contar da vida surpreendente, a partir da pág. 29, “*um hino breve à família*” (é o título do capítulo).

Lê-se com imenso agrado a escrita de Maria Helena Ventura:

“*Deixava correr livremente o fio de voz, o veio de água, de forma natural até se tornar um rio, um raio de luz atrevido batendo de chapa no coração dos incautos*” (p. 12).

Eram os dotes de Luísa, “*batel perdido num mar imenso de talento*” (p. 12).

“*O céu estava encoberto por nuvens leves, como trama de algodão, e a tarde repousava docemente nos braços desnudados das colinas*” (p. 16).

Ao referir os temas abordados na correspondência para Luísa, em Inglaterra, a irmã explica: “*Ela merecia que das novas do seu reino eu fizesse um ramalhete de promessas, não um rosário de lamúrias*” (p. 24).

Uma prosa esmerada, burilada a preceito, envolvida quase sempre em manto poético.

Gosto de apanhar nos livros aquelas frases lapidares que andam depois de boca em boca – ou deviam andar e só algumas é que andam. Partilho algumas, colhidas aqui e além, para se ajuizar da elevada craveira intelectual da autora. Lida de supetão, como tanta vez acontece, há pormenores que escapam:

“*Dar vida a um nascimento qualquer é sempre um acto de amor com muita dor à mistura*” (p. 24).

“*As vidas não têm preço para quem ama os que morrem*” (p. 32).

“*A verdade tem sempre muitos rostos, uns descobertos, outros mal tapados*” (p. 33).

“*Arriba, Cecília, se tu desistires da vida, a vida desiste de ti*” (p. 106).

“*Os avanços das sociedades começam sempre por corajosas utopias*” (p. 183).

Quanto à organização do romance, saliente-se o facto de estar estruturado em capítulos curtos, designados de forma assaz poética: “*Os 1000 rostos de tristeza*”, “*Agonia de um farol*”, “*Duas faces do adeus*”, “*As ledas voltas de um sonho*”... Maravilha!

4. Um quadro da época

Aproveitou a Autora para dar da época um quadro sugestivo.

– A subida ao trono de D. Maria I

A primeira mulher a ser rainha. Instala uma política de rigor nos costumes. Fecha os teatros. Proíbe as mulheres de representar. A Autora, sentindo o que isso significa – ontem como hoje –, não hesita em dar o devido realce à revolta que essas medidas geram entre os intelectuais, mormente porque Luísa Todi, viajada pela Europa, tinha da Arte e do Teatro uma visão bem diferente. Aliás, é mesmo solicitada a contar lá fora o que se passa em Portugal. Nova rainha, jogos de interesses, delações, luta pelo poder (“*Os homens se abocanham como feras*”, p. 26), corrupção.

– O uso da terminologia da época

As cómicas (actrizes), “*não te amofines!*”; ‘ganhava uns reais’, abalar (no sentido de ir-se embora).

– Os hábitos

Os despejos pelas janelas (recordar-se-á a acção do Intendente Pina Manique, seguida, de resto, por toda a Europa). Em três linhas, a Autora descreve como a capital não passa de uma aldeia ou tem uma aldeia dentro dela: escravos carregando à cabeça vasos de despejos com a urina e os dejectos de uma noite, aguadeiros com vasilhas aos ombros, carros de bois carregados de mantimentos... (p. 27). Os tratamentos: banhos de assentos, chás, sanguessugas...

– A toponímia

Rua da Rosa das Partilhas. Rossio de Valverde, que será depois a Praça D. Pedro IV (Valverde era um afluente do Tejo). Rua dos Calafates.

– As obras

No Convento de S. Pedro de Alcântara, que muito sofrera, de facto, com o terramoto e as obras prolongaram-se bastante.

– As personagens

O empresário João Gomes Varela, conhecido boticário que inaugurou, em 1782, o Teatro do Salitre e em cujo botequim conviviam – como escreve Matos Sequeira – as camadas médias de Lisboa.

– As peças em voga

L'Amore Artigiano, cuja artista principal será Angiolina, não Cuffiara de nome mas de profissão

(fabricante de perucas). *Zenobia no Oriente*: no Teatro do Bairro Alto e no Brasil.

A fama da família Zamperini, de Veneza, três irmãs e um pai. A Zamperini, prima-dona, do Teatro da Rua dos Condes, grandiosamente alojada, como conta Camilo Castelo Branco no livro *A Sereia*.

Em suma: é dado pitorescamente todo o ambiente histórico da capital. Com a maior das naturalidades, o que é de muito louvar.

5. Conclusão

Luísa Todi deambulou pela Europa, foi acolhida na corte russa e teve largo sucesso em Londres. Quando assisto a concertos e leio no programa que determinado artista já actuou nas mais variadas cidades europeias, eu fico espantado, orgulhoso se é português. Acho, todavia, normal,

porque muitos de nós, professores universitários, já fomos chamados a dar conferências ou a participar em reuniões científicas no Rio de Janeiro, em Madrid e Barcelona, em Paris e em Roma – e nada disso é fora do normal, hoje, que as viagens aéreas rapidamente nos levam aqui e acolá. Agora no século XVIII e primórdios do XIX!... É obra! Foi obra! E Luísa Todi ia com a família atrás! Merece, por conseguinte, todo o nosso reconhecimento e aqui estou a fazer-me eco do apelo final da Autora – em *“Uma glória esquecida”* (pp. 361-364) –, quando preconiza urgente homenagem nacional, inclusive uma sepultura condigna, que Luísa Todi não tem! Sentimos, por vezes, ao chegar ao fim de um romance, que os escritores estão cansados, têm pressa de acabar o que durante tanto tempo os ocupou. Maria Helena Ventura andou dois anos a recolher dados! – confessa.

Contudo, a beleza dos últimos parágrafos deste livro, ainda que pintando a morte, reconforta-nos, reconcilia-nos com a vida, tal a serenidade que dessa descrição dimana. Pinceladas de verdadeira mestria, saída da mão e da mente de quem conhece a melodia de cor e salteado. E assim belamente nos presenteia! Estamos-lhe reconhecidos!

“Ainda era dia. Um sol alaranjado despedia-se das casas. A selva cidadina tinha ordenado silêncio às suas criaturas. Luísa tinha um sorriso de paz, calafetado pelo amor da sua gente. Adelaide perguntava, atrás de mim

E a mãe, para onde a levam? Maria Clara cantava-lhe, baixinho

A cama é um batel, à espera do remador... e o rio serpenteando entre paisagens risonhas, num instante alcançará o estuário, onde a espera o pássaro gigante que a levará para o azul” (p. 359). ❧